

UMA BIFURCAÇÃO NA ESTRADA: Robert Craig, Luiz C. Martino e a fundamentação do campo da Comunicação¹ **A FORK IN THE ROAD: Robert Craig, Luiz C. Martino and the grounds of the field of communication**

Katrine Tokarski Boaventura ²

Rafiza Varão³

Resumo: Este trabalho discute o pensamento de dois autores sobre o estatuto do saber comunicacional: Robert Craig e Luiz C. Martino. As reflexões de ambos foram publicadas entre o final dos anos 1990 e começo deste século. Os dois autores se empenham em discutir o status epistemológico do campo da Comunicação. Pretendemos apresentar as semelhanças entre as descrições dos dois pesquisadores sobre a constituição da área e, posteriormente, as diferentes conclusões a que chegam em suas respectivas análises. Por fim, discutiremos como Craig e Martino chegam, a partir das mesmas premissas, a diagnósticos tão distintos sobre a Comunicação

Palavras-Chave: Epistemologia. Teoria da Comunicação. História da Comunicação

Abstract: This paper discusses the thought of two authors on the status of communicational knowledge: Robert Craig and Luiz C. Martino. The reflections of both were published between the late 1990s and beginning of this century. The two authors are engaged in discussing the epistemological status of the communication field. We intend to present the similarities between the descriptions of the two researchers on the constitution of the area and then the different conclusions they reach in their analyzes. Finally, we discuss how Craig and Martino come from the same premises to so different diagnoses of the Communication.

Keywords: Epistemology. Communication Theory. Communication History.

1. Introdução

Alvo de inúmeras análises, especialmente nas últimas décadas do século passado, o estatuto epistemológico da Comunicação já recebeu múltiplos diagnósticos, tão díspares e incomensuráveis que pouco resta de possibilidade de diálogo frutífero a fim de melhor definir a área. Entretanto, as discussões dos dois pesquisadores estudados neste trabalho conversam

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia do XXV Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal de Goiás, Goiânia, de 7 a 10 de junho de 2016.

² Professora do UniCEUB, Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília – UnB, katrineboaventura@gmail.com.

³ Professora da Universidade Católica de Brasília. Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília – UnB, rafiza@gmail.com.

entre si, pois tratam do mesmo problema: refletir sobre a Comunicação enquanto disciplina, esquadriando-a segundo objetivos semelhantes e o mesmo rigor acadêmico e metodológico. O pesquisador estadunidense Robert T. Craig, da Universidade do Colorado, tem se dedicado às análises do campo da Comunicação como um de seus interesses de estudo. Dentre suas publicações sobre o assunto, destacamos quatro:

- a) CRAIG, Robert T. Communication in the Conversation of Disciplines. **Russian Journal of Communication**, v. 1, n. 1, winter 2008. Disponível em: <http://comm.colorado.edu/~craigr/Craig-2008-DisciplinesRJC.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2013;
- b) CRAIG, Robert T. Communication as a Field and Discipline. In: DONSBACH, Wolfgang (ed). **The International Encyclopedia of Communication**. Blackwell Publishing, 2008. Blackwell Reference Online. 24 January 2013. pp 675-688. Disponível em: http://www.communicationencyclopedia.com/public/book.html?id=g9781405131995_yr2012_9781405131995 Acesso em: 24 jan 2013;
- c) CRAIG, Robert T. Communication Theory as a Field. In: **Communication Theory**, 9 (2), mai 1999, p. 119-161.
- d) CRAIG, Robert T. Why Are There So Many Communication Theories? In: **Journal of communication**, 43 (3), set 1993, p. 26-33.

Luiz Cláudio Martino, professor titular da Universidade de Brasília, se dedicou com especial ênfase à temática epistemológica da Comunicação entre 1998 e o começo da primeira década dos anos 2000. Para efeito deste estudo, destacamos as seguintes publicações:

- a) MARTINO, Luiz C. “Interdisciplinaridade e Objeto de Estudo da Comunicação”. CD-ROM **Anais do XXI Congresso da INTERCOM**, Recife, 1998. Publicado em A. Fausto Neto, S. Porto, J.L. Aida Prado (orgs), **Campo da Comunicação: caracterização, problematização e perspectivas**. Editora Universitária/UFPB. João Pessoa, 2001.

- b) MARTINO, Luiz C. “As Epistemologias Contemporâneas e o Lugar da Comunicação”, in Maria Immacolata Vassalo Lopes (org.) **Epistemologia da Comunicação**. Loyola. São Paulo, 2003, p. 69-101.
- c) MARTINO, Luiz C. “História e Identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional”, in: e-compós, edição 1, em dezembro de 2004, Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos>.
- d) MARTINO, Luiz C. (org.) – **Teorias da Comunicação: Poucas ou Muitas?** Ateliê. São Paulo, 2007.

A despeito das semelhanças das premissas apresentadas pelos dois autores em suas análises da área, as conclusões a que chegam são bastante distintas. Este artigo tem como objetivo analisar as propostas de Craig e Martino quanto ao campo da Comunicação, efetuando uma análise comparativa a partir de pesquisa bibliográfica. Para tanto, apresentaremos a proposta de Craig, focada sobretudo na ideia de constituição de um metamodelo; passaremos à exposição da percepção de Martino acerca da Comunicação como disciplina autônoma; em seguida, explicitaremos os pontos de contato e as divergências entre as abordagens, para, finalmente, discutirmos as implicações observadas a partir de nossa análise.

2. O metamodelo de Robert Craig

No trabalho *Communication Theory as a field*, Craig (1999) começa o texto com um diagnóstico do campo da Teoria da Comunicação, descrevendo-o como extensamente variado, com uma tradição e recebendo também novas contribuições. Em sua concepção, os pesquisadores da área trabalham isoladamente, ignorando o que se faz fora de sua especialidade.

Exceção feita a pequenos grupos, os teóricos da comunicação, aparentemente, nem concordam nem discordam muito sobre algo. Não há um cânone geral de uma teoria geral com o qual todos concordam. Não há objetivos comuns que os una, nem uma questão controversa que os divida. Em sua maioria, eles simplesmente se ignoram mutuamente⁴ (CRAIG, 1999, p. 119).

⁴ Traduções nossas.

Em uma nota de rodapé a essa observação, Craig levanta um aspecto muito particular da Comunicação: enquanto o usual é que os pesquisadores de áreas distintas pouco se preocupem com o que é dito por outras disciplinas, na Comunicação ocorre exatamente o oposto. Ou seja, quando um pesquisador de qualquer outra disciplina acadêmica vai produzir teoria sobre comunicação, ignora o que foi publicado por outras disciplinas, especialmente pela Comunicação. O pesquisador desta última, por sua vez, dedica especial atenção ao que é feito fora, e praticamente ignora a própria área:

Eles frequentemente citam o trabalho de outras disciplinas. Na verdade, muitas vezes, são mais propensos a citar o trabalho do lado de fora do que dentro de sua própria disciplina. Assim, eles acabam não citando uns aos outros, além de seus próprios pequenos círculos, o que traz a consequência não intencional de que os pesquisadores em comunicação são relativamente pouco citados por quem quer que seja, dentro ou fora de sua própria disciplina (Myers, Brashers, Center, Beck, & Wert-Gray, **1992**; Paisley, **1984**; Reeves & Borgman, **1983**; Rice, Borgman, & Reeves, **1988**; So, **1988**). (CRAIG, 1999, nota de rodapé p. 154-155)

Uma das explicações para isso, que Craig aponta também logo no início de seu texto, é que, de acordo com ele, o campo das teorias da comunicação não existe ainda, pelo menos não de forma organizada. Tanto os livros sobre Teoria da Comunicação como os próprios agentes envolvidos em conhecê-las ou formulá-las não apresentam consenso acerca de quais são nossas teorias ou sobre quais delas seriam fundamentais. De muitas formas, a ausência de referências que possam ser compartilhadas de maneira mais unívoca pela área é resultado das práticas interdisciplinares que se tornaram, ao longo do século XX, tão comuns às ciências sociais como um todo.

A disciplina de comunicação, inicialmente, tentou definir-se como uma espécie de câmara de compensação interdisciplinar para todas essas abordagens disciplinares. Este espírito de interdisciplinaridade ainda está conosco e merece ser cultivado como uma das nossas mais meritórias qualidades. A incorporação de tantas abordagens disciplinares diferentes tornou muito difícil, no entanto, a teoria da comunicação como um campo coerente. O que (se é que têm alguma coisa) todas essas abordagens têm a ver com a outra? (CRAIG, 1999, p. 121)

Entretanto, essa visão percebe que embora o campo tenha se estabelecido institucionalmente, as questões epistemológicas, de fundação e fundamentação, ainda restam confusas, e a maioria de suas questões (como: de que forma a pesquisa em comunicação deve ser conduzida?) permanecem sem resposta. Nas palavras do próprio Craig, “[...] mesmo que tenhamos produzido mais teoria, nós nos tornamos (coletivamente, se não individualmente)

menos seguros do que exatamente estamos fazendo ou deveríamos estar fazendo” (CRAIG, 1993, p.26).

Apesar dessa percepção, Craig acredita que o campo da Comunicação, para além da superfície da incoerência da dispersão de suas teorias, pode ser visto como um campo que apresenta unidade, sobretudo no que diz respeito à sua caracterização como uma prática metadiscursiva, “[...] um campo do discurso sobre o discurso, com implicações para a prática comunicacional” (CRAIG, 1999, p.120). Craig ainda chama a atenção para o fato de que existir coerência entre as teorias não implica em redução da diversidade teórica, como muitas vezes argumentam os críticos das tentativas de definição da área: “O objetivo não deve ser um estado em que não temos nada sobre o que discuti, mas um em que compreendamos melhor que todos nós temos algo muito importante para discutir sobre The goal should not be a state in which we have nothing to argue about, but one in which we better understand that we all have something very important to argue about.”(Idem, ibidem, p. 124).

Assim, sua proposta em relação ao campo da Comunicação se direciona no sentido de compreender essa unidade sob a aparente dispersão, e oferecer um modelo de estudo comunicacional no qual os constituintes da heterogeneidade do campo possam interagir de modo produtivo e, ao mesmo tempo, engajado ao que ele denomina de “metadiscurso da vida cotidiana”. Por isso, Craig trabalha com a ideia de que é possível a disciplinarização da Comunicação,

Para chegar a esse estágio, Craig estipula dois princípios básicos:

1. Um metamodelo constitutivo da comunicação;
2. A teoria da Comunicação como um metadiscurso.

O primeiro princípio afirma que a teoria da comunicação é, ela mesma, uma prática comunicativa, se desenvolvendo continuamente na relação com outras práticas e contextos comunicativo. A teoria da comunicação, destarte, deve comportar um modelo sobre os modelos de práticas comunicacionais que aí estão no mundo, sob o entendimento de que

A evolução da situação social em que a comunicação é teorizada, como se diz, exige novas formas de pensar a comunicação. O modelo constitutivo é apresentado como uma resposta concreta aos problemas sociais contemporâneos, como os resultantes da erosão das fundações culturais, de ideias, e instituições tradicionais, aumentando a diversidade cultural e interdependência, e procura alargada de participação democrática na construção da realidade social [...] um metamodelo constitutivo da comunicação mostra modelos de comunicação como formas

diferentes de constituição do processo de comunicação simbolicamente para fins particulares (CRAIG, 1999, p.126-127).

Já a comunicação como metadiscursos implica em afirmar que a teoria da Comunicação deve ser tratada como um construto sobre os atos comunicacionais vinculado, ao mesmo tempo, aos próprios atos comunicacionais do cotidiano - o que nos mostra que Craig não separa muito bem o objeto empírico **comunicação** da comunicação como **objeto de pesquisa**. Associada a essa ideia, Craig ainda indica que a Comunicação pode trazer um caráter de disciplina prática, uma vez que o fenômeno que estuda é essencialmente uma prática.

Esses dois elementos, ainda, são aqueles que possibilitam estabelecer uma **matriz disciplinar**, cuja base é a noção que, a despeito da variedade de perspectivas teóricas no campo da Comunicação, é possível alinhar um *background* comum, referente a sete tradições: Retórica, Semiótica, Fenomenológica, Cibernética, Psicossocial, Sociocultural, Crítica.

Craig, portanto, propõe uma disciplinarização para o campo da Comunicação, fornece dois princípios-guia para a organização da teoria, oferece um painel de tradições em que a pesquisa nesta área deve se inscrever, mas esquece de algo fundamental num tipo de proposição ambiciosa como essa: afinal, de que objeto da Comunicação ele está falando? Seria possível definir um campo e suas teorias sem delimitar seu objeto?

A resposta à primeira questão nos parece se aproximar mais da comunicação como objeto empírico - o que acaba levando o autor a uma situação de contradição. Ao passo em que defende a disciplinarização, coloca as mesmas tradições que elencou como redutos interdisciplinares. A contradição aparece, especialmente, quando afirma que “[...]

A matriz teórica sugere tanto a centralidade interdisciplinar, bem como o foco disciplinar dos estudos de comunicação. Cada tradição refere-se a áreas de investigação interdisciplinares (em comunicação política, semiótica e estudos culturais, filosofia, ciência da informação, e assim por diante) que pode ser teóricos da Comunicação devem dirigir seus textos, mesmo que tratem geralmente de tópicos especializados, para o campo como um todo. **Communication theorists should address their writing, even though usually on specialized topics, to the field as a whole**” (CRAIG, 1999, p.153) e, logo depois assinala: enriquecida por outras perspectivas de teoria da comunicação (Idem, ibidem, p.153).

Dessa maneira, Craig se coloca como um partidário de uma disciplinarização interdisciplinar (de forma bastante confusa, cabe a nota), e nesse processo esquece de um

passo anterior, inclusive, ao estabelecimento das setes tradições do campo: a definição de seu objeto. Sobre esse aspecto, Luiz C. Martino é mais cuidadoso.

3. A proposta de L.C. Martino: comunicação como disciplina

Em suas análises, Luiz C. Martino constata o estado de fragmentação da Comunicação como algo a ser problematizado. Apesar de os pesquisadores identificarem a diversidade do campo como uma característica intrínseca à área, ele defende que essa é “[...] uma idéia que entretanto deveria estar no centro das análises sobre a identidade do campo; uma idéia que deveria ser discutida e não simplesmente apresentada como evidência empírica ou ‘dogma teórico’” (MARTINO, 2004, p. 4).

Martino explica que a diversidade em si não deve ser considerada um problema para nenhuma área de conhecimento científico, portanto, que as distintas temáticas tratadas pela Comunicação não representam impedimento para a definição de uma área disciplinar autônoma. O que é necessário, em sua concepção, é a articulação dessa diversidade por um objeto de estudo e a sistematização das diferentes teorias designadas como da Comunicação. Para tanto, defende que a discussão empregada deve se situar na instância epistemológica, em detrimento das análises de sociologia das ciências que comumente são implementadas para justificar a fragmentação da área: aspectos institucionais e políticos que inviabilizariam uma disciplina acadêmica.

Tomar a diversidade como um dado pode levar a falsas concepções acerca do estatuto epistemológico da área, numa visão simplista de que a Comunicação seria uma disciplina de outra ordem, uma interdisciplina ou mesmo antidisciplina. Martino entende que a Comunicação pode e deve ser definida como uma disciplina. E afirma que, para a aproximarmos de uma disciplina científica, é necessário entender a diferença entre as distintas instâncias envolvidas no debate. Primeiramente, é preciso distinguir um objeto empírico de um objeto construído. O processo comunicativo, por exemplo, constitui um objeto empírico que, enquanto aspecto da realidade, pode ser estudado a partir da perspectiva de uma série de disciplinas: Sociologia, Psicologia, Antropologia, Ciência Política... Antes de se debruçar sobre um fenômeno, o pesquisador adota uma perspectiva em detrimento das demais, a partir do objeto de estudo de sua disciplina. Dessa forma, nem todo estudo sobre comunicação seria específico da disciplina Comunicação.

O corolário disto é que nem toda “relação entre pessoas” é sociologia, tampouco qualquer estudo sobre “subjetividade” é psicologia e assim por diante, de modo que não basta ser classificado como um “processo de comunicação” no sentido empírico. Porque nenhum processo (enquanto parte do mundo) pertence necessariamente a tal ou tal disciplina. Somente objetos de estudo (e não objetos empíricos) têm esta propriedade, justamente porque são recortes, abordagens, que ligam realidades empíricas a uma teoria. Um objeto de estudo não é o real em si, mas uma construção relativa a uma dada disciplina científica (MARTINO, 2010, p. 5).

O processo de pesquisa se atém, portanto, a uma construção e não à própria realidade. Do mesmo modo que o pesquisador constrói seu objeto de pesquisa, cada disciplina elabora epistemologicamente seu objeto de estudo.

O objeto de estudo é, portanto, uma construção teórica ou o objeto de uma teoria. Ele não é o fenômeno que se dá à percepção ordinária, mas justamente aquilo que no fenômeno é recortado por uma teoria. A distinção objeto empírico e objeto de estudo foi marcada por vários epistemólogos, dos quais Max Weber, e assume um papel central, na medida em que mostra que o objeto científico não é uma abordagem ingênua do real, mas uma construção teórica. Mesmo assim ela permanece amplamente negligenciada na área de Comunicação, apesar de ser bastante corrente e básica para os estudos de epistemologia (MARTINO, 2003, p. 86).

O que não significa excluir intersecções e interpretações possíveis a luz de outros saberes, preservando a autonomia de cada disciplina e relacionando os conhecimentos produzidos. Ou seja, definir a disciplina Comunicação não pretende excluir análises sociológicas sobre o processo comunicativo. Ou impedir que a Antropologia, a Ciência Política e a Economia também se dediquem ao estudo desse fenômeno. Busca marcar apenas a contribuição que a própria Comunicação pode dar à explicação dos processos comunicativos. E, então, seria possível visualizar com mais clareza o que Martino chama a atenção: existem teorias *sobre* a comunicação e teorias *da* Comunicação. Estas seriam as produzidas no interior deste saber específico, de acordo com uma perspectiva comunicacional. Enquanto aquelas dizem respeito à diversidade de conhecimentos produzidos por todas as demais áreas para compreender e explicar o fenômeno comunicacional. Um dos problemas da Teoria da Comunicação atualmente é justamente que não diferenciamos essas abordagens teóricas.

Quando afirmamos que elas pertencem ou formam um campo de estudo uma área de conhecimento, ou seja, quando dizemos que são teorias, correntes ou sub-áreas *da comunicação*, nós introduzimos o princípio mesmo que as tornam diferentes. Estabelecemos tensões entre elas, não as tratamos como produções intelectuais isoladas, mas como uma unidade, cuja significação é intrinsecamente problemática e deve ser discutida (MARTINO, 2010, p.1-2).

Para Martino, portanto, a saída para os problemas colocados pela diversidade de teorias da Comunicação é a discussão epistemológica do estatuto da área, a qual não pode escapar à definição de um objeto de estudo para a disciplina Comunicação. Assim, tanto o corpo teórico, que poderá ser melhor sistematizado, parecerá mais coeso; como a inserção da Comunicação como área de produção de conhecimento teórico ficará melhor configurada.

4. Craig e Martino: principais pontos de contato e divergências

Podemos perceber que as observações de Craig sobre o estado da área guardam muitas semelhanças com o que Martino aponta sobre a diversidade da Comunicação. Ambos entendem essa diversidade, significando fragmentação e incoerência, como um problema. A falta de diálogo entre os pares, a quantidade praticamente infinita de temas que pouco se tocam, a supervalorização do que é produzido por outras áreas do conhecimento em detrimento do saber propriamente comunicacional, tudo isso precisa ser enfrentado como uma realidade problemática que nos afasta da melhor definição da área.

Evidentemente não estamos tratando de uma diversidade estrutural, inerente a todo e qualquer campo teórico, mas de uma diversidade que diz respeito à dificuldade de sistematização das teorias. Não é, pois, a questão da quantidade em si mesma, mas da integração das teorias a uma área de conhecimento. Tampouco devemos esperar encontrar uma coerência absoluta, uma homogeneidade ideal. Ao contrário, o que importa é gerar as condições que tornam possível a confrontação das teorias, o trabalho da diferença, garantindo assim um plano de sustentação para que o conflito de teorias possa ocorrer e ser aproveitado como fonte de conhecimento, como se dá em qualquer disciplina científica. (MARTINO, 2010, p. 1-2).

Craig (1999, p. 124) também destaca que a disciplinaridade não exclui a diversidade e a interdisciplinaridade, assim como a melhor definição da área não significa buscar uma teoria unificada. Entretanto, enquanto este busca a resolução do problema por meio de uma metaperspectiva, que seja capaz de abarcar essa diversidade quase incomensurável, Martino se empenha em definir um objeto de estudo para a Comunicação como mais uma disciplina acadêmica.

Observamos que a diferença de percepções acerca da diversidade da Comunicação se deve ao fato de que Craig não se atenta para a diferença entre um objeto empírico e um objeto de estudo. Tanto é que fala em *Communication theory* como um campo que engloba todo tipo de proposições sobre o fenômeno comunicacional e não a produção acadêmica de uma disciplina específica. (CRAIG, 1999, nota de rodapé 4, p. 154-155). Na verdade, as

demais áreas de conhecimento produzem teorias sobre a comunicação[1]. Ou seja, teorias desenvolvidas para explicar algum ângulo do fenômeno comunicacional, enquanto objeto empírico, que atenda aos interesses e abordagens de análise daquela disciplina específica que executa a pesquisa. Por outro lado, teorias da Comunicação, são produzidas para explicar o fenômeno de uma ótica especificamente pertinente à área da Comunicação, o que não tem despertado muito interesse, haja vista justamente a dispersão da área.

Martino acredita que o estado da área deriva do fato de que, entre os pesquisadores da Comunicação, é comum confundir os níveis empírico, teórico e epistemológico. De acordo com ele:

Para nossa área nem sempre é clara a distinção entre os processos comunicacionais (que são fenômenos), as teorias (que são abordagens e modelos de explicação desses fenômenos) e a discussão epistemológica (que são reflexões sobre os modelos teóricos)” (MARTINO, 2003, p. 91).

A mesma confusão de instâncias pode ser apontada em relação à diferenciação que a área faz de campo (muitos preferem falar em campo comunicacional) e disciplina:

[...] enquanto a noção de campo se funda no objeto empírico, a noção de disciplina, ao contrário, diz respeito à perspectiva teórica que constrói um certo objeto. Então o objeto empírico está para a noção de campo assim como o objeto teoricamente construído, ou simplesmente objeto de estudo, está para a noção de disciplina. Portanto, quando falamos em campo comunicacional não designamos um domínio de conhecimento preciso, mas os vários saberes que podem ser reunidos em torno de processos empíricos, tomados enquanto uma manifestação no mundo (MARTINO, 2004, p. 7).

Craig não marca essas distinções ao longo de seu trabalho, se referindo sempre ao campo das teorias da Comunicação, mas trazendo elementos para a discussão que dizem respeito às disciplinas. Ou seja, ele analisa o campo como quem observa uma disciplina, tirando, portanto, conclusões equivocadas. Tanto é que sua proposta da Comunicação como metadiscorso reflete essa mistura de instâncias: a preocupação com a articulação entre os conhecimentos produzidos, típica das disciplinas, mas tomando como base um campo, por natureza não unificado e diversificado, configurado por todas as áreas do conhecimento que tem em comum apenas um aspecto: o interesse pelo estudo do fenômeno comunicacional.

Nossa questão é que os teóricos da comunicação têm tendência a misturar e confundir diferentes âmbitos de problematização, como processo empírico e conhecimento teórico, justamente por não levarem em conta a distinção em pauta. Saindo em defesa de um campo comunicacional, partindo então do objeto empírico, eles acham que podem tirar a conclusão de que a comunicação não poderia ser uma disciplina, como se um invalidasse o outro. A noção de campo

não invalida a de disciplina, quer dizer, a existência de um campo comunicacional não é, nem pode ser, um argumento contra a possibilidade de constituição de uma disciplina ou saber comunicacional (MARTINO, 2004, p. 8).

Outra observação de Craig é quanto à quantidade crescente de cursos de Comunicação, nos quais são lecionadas diferentes e incontáveis teorias sobre o tema. Ele aponta os estudos sobre a oferta de teorias da Comunicação, tais como o de Anderson, realizado em 1996, que analisou sete livros de teorias da Comunicação. Foram encontradas 249 “teorias” diferentes, das quais o impressionante número de 195 só apareciam em um dos sete livros. Também chamam a atenção de Craig os dados de que apenas 22% das teorias apareciam em mais de uma seleção e que somente 18 das 249 teorias aparecem em mais de três livros, um percentual ínfimo:

Se a teoria da comunicação fosse verdadeiramente um campo, parece provável que mais da metade dos livros introdutórios iria concordar com algo mais do que 7% do conteúdo essencial do campo. A conclusão de que a teoria da comunicação ainda não é um campo coerente de estudo parece inevitável. **If communication theory were really a field, it seems likely that more than half of the introductory textbooks would agree on something more than 7% of the field's essential contents. The conclusion that communication theory is not yet a coherent field of study seems inescapable.** (CRAIG, 1999, p. 120).

Estudo na mesma linha do citado por Craig foi desenvolvido por Martino (2006), que analisou a literatura sobre teorias da Comunicação no universo de língua espanhola. Os resultados também apontam a falta de consenso sobre quais seriam as principais teorias. Martino destaca a falta de critérios para definir quais seriam as teorias como um problema presente nas obras analisadas.

Nenhum livro analisado apresentou sequer um critério para justificar a seleção das teorias apresentadas. A absoluta ausência de explicitação e de discussão dos critérios de seleção demonstra de forma inequívoca a pouca exigência em matéria de critérios de pertinência das teorias em relação à área da comunicação parecem sugerir que uma teoria é teoria da comunicação desde que apresente o termo “comunicação” em suas análises. (MARTINO, 2006, p. 14)

Tanto Craig quanto Martino criticam tal estado de indefinição quanto às teorias da área. Craig (1999) acredita que, embora não seja ainda um campo coerente, a teoria da comunicação pode e deve sê-lo. Mas as soluções para esse problema apresentadas pelos dois pesquisadores divergem. Enquanto Craig busca uma resposta que contemple toda a diversidade de modo a abarcá-la, Martino tensiona a própria ideia de que a Comunicação seja diversa a ponto de que suas teorias não possam dialogar, sugerindo a instância

epistemológica como âmbito de solução dos problemas. Para ele, a diversidade tomada como fato é o problema a ser contornado:

[...] a idéia de diversidade teórica, a mais consolidada das poucas afirmações que se tornaram consensuais em nossa área, necessita de revisão e cuidado, já que ao que tudo indica está montada sob bases que se afastam de uma discussão argumentada e propriamente epistemológica do estado-da-arte. Paradoxalmente, a área de comunicação não encontrará sua fundamentação necessária sem a revisão de seu único consenso. (MARTINO, 2006, p. 16)

Craig duvida que a Comunicação possa ser uma disciplina acadêmica ao criticar os esforços nesse sentido empreendidos por pesquisadores que defendem um “modelo constitutivo da comunicação”, em que ela não seria mais um fenômeno secundário passível de ser compreendida pelos fatores psicológicos, culturais ou econômicos. A comunicação seria, assim, um processo primário, que explicaria os outros fatores. Na proposta desses pesquisadores:

As teorias sobre comunicação oriundas de outras perspectivas disciplinares não estão, *stricto sensu*, no interior do campo das teorias da comunicação porque não são baseadas em uma perspectiva comunicacional. Toda teoria da comunicação genuína reconhece a consequencialidade da comunicação (Sigman, 1995 b); reconhece a própria comunicação como um modo de explicação fundamental (Deetz, 1994). Theories about communication from other disciplinary perspectives are not, in the strict sense, within the field of communication theory because they are not based on a communicational perspective. All genuine communication theory acknowledges the consequentiality of communication (Sigman, 1995 b); it acknowledges communication itself as a fundamental mode of explanation (Deetz, 1994). (CRAIG, 1999, p. 126)

Craig entende essa tentativa como uma forma de estabelecer a Comunicação como uma área de conhecimento fundamental, de natureza especial em relação a todas as outras disciplinas, por perspassá-las devido à importância do processo comunicativo.

Martino, entretanto, considera que essas intersecções não definem a primazia de uma área sobre as demais, pois cada uma pode, no diálogo das disciplinas diante dos fenômenos empíricos, produzir conhecimento segundo sua perspectiva de explicação sem reduzir as outras. O que vai definir a precedência de um fenômeno sobre outro no momento da análise é justamente o ângulo, a perspectiva em que se coloca o pesquisador. Ou seja, a disciplina que toma como base.

Que a Psicologia possa tratar um tema coletivo e se tornar Psicologia Social, isto evidentemente não invalida esta pesquisa, nem compromete a autonomia dessa disciplina; que a Antropologia se interesse por certos aspectos cognitivos, isto não é suficiente para a reduzir a uma psicologia; que a Linguística trabalhe sobre uma base de natureza psico-social não a invalida enquanto saber autônomo. A autonomia destas e de outras disciplinas resta preservada pelas

perspectivas que elas abrem sobre um determinado “ fato ” (objeto empírico), que aliás ajudam a construir (objeto de estudo) (MARTINO, 1998, 2001).

Finalmente, há um último aspecto em que fundamentalmente os dois autores divergem, após estarem de acordo. Ambos entendem que a Comunicação não pode ter a primazia sobre os demais saberes e criticam propostas nessa linha. Craig tece duras críticas à ideia de que a Comunicação seja o fundamento das demais disciplinas em uma nota de rodapé de seu texto:

Podem os estudos de comunicação ter a pretensão de serem a disciplina fundamental que explica todas as outras disciplinas, já que as próprias disciplinas são construções sociais que, como todas as construções sociais, são constituídas simbolicamente através da comunicação? Sim, claro, mas apenas como uma piada! Praticamente qualquer disciplina pode pretender ser a disciplina social "fundamental" baseado em algum argumento tortuoso em que todos os processos sociais tornam-se fundamentalmente cognitivos, econômicos, políticos, culturais ou mesmo por que não químicos ou subatômicos? A ironia que faz a piada engraçada é que cada disciplina ocupa o centro preciso do universo em sua própria perspectiva. A comunicação não é uma exceção, mas a comunicação como uma metaperspectiva - uma perspectiva sobre as perspectivas pode nos ajudar a apreciar a ironia da nossa situação. Might communication studies even claim to be the fundamental discipline that explains all other disciplines, since disciplines themselves are social constructs that, like all social constructs, are constituted symbolically through communication? Yes, of course, but only as a joke! Virtually any discipline can claim to be the “fundamental” social discipline based on some tortured argument in which all social processes become fundamentally cognitive, economic, political, cultural or indeed, why not chemical or subatomic? The irony that makes the joke funny is that every discipline occupies the precise center of the universe in its own perspective. Communication is no exception, but communication as a metaperspective-a perspective on perspectives-may help us to appreciate the irony of our situation.

Martino também questiona a abordagem que identifica a Comunicação como uma superciência, o saber fundamental. E vai além: critica o tratamento da Comunicação também como um conhecimento aquém da ciência, menor que as demais disciplinas:

Há uma grande desconfiança sobre o estatuto desse saber, que paradoxalmente oscila entre uma não-disciplina (apenas um campo de aplicação para as disciplinas das mais variadas ciências, a comunicação é um processo, um fenômeno no mundo, e não uma disciplina ou um saber propriamente dito) e uma superdisciplina, entendida como uma espécie de síntese e acabamento das ciências humanas e da filosofia. De modo que a Comunicação aparece ora como muito pouco consistente para ser ciência, ora como fundamento e acabamento das ciências humanas. Para além e aquém da ciência, entre o tudo e o nada, entre o desprezo e a exaltação injustificados, oscilando entre uma sub e uma superciência, o saber comunicacional praticamente se vê impedido de ser trabalhado numa dimensão científica, na qual ganha pertinência a questão epistemológica (MARTINO, 2003, p. 83-84).

E a diferença de fundo entre os dois autores aqui fica mais clara e nos remete ao ponto de divergência que queremos destacar: como cada um deles entende a ciência e a disciplina.

A partir do argumento de que a Comunicação não pode ser uma metaciência, uma metadisciplina, Craig recusa a disciplina Comunicação, ao passo que Martino defende a definição das bases disciplinares da área. Além das razões óbvias para evitar essa saída pretensiosa de uma área de conhecimento que comporte as demais, temos o fato de que todas as disciplinas, em seu interior, agem segundo o mesmo processo de definir uma perspectiva de análise, um ângulo de observação. Mas Craig não considera essa alternativa de constituição de uma disciplina, porque ele e Martino entendem de formas diferentes a Comunicação. Craig não diferencia as instâncias de que fala Martino e, assim, a saída que propõe para tentar organizar um campo marcado pelo cruzamento de perspectivas diversas sobre um objeto empírico é uma proposta que muito se assemelha a...uma metadisciplina. Pois a Comunicação como um metamodelo ou metadiscorso, atravessando todas as demais áreas é tanto uma tentativa de contornar a ideia inviável de que exista uma disciplina que tenha como objeto o processo comunicativo, quanto de dar unidade a um todo que não se pretende, nem pode ser, único ou minimamente coerente. Na perspectiva apresentada por Martino, não deveríamos tomar todo o processo comunicativo como objeto de estudo, mas sim um objeto que resulte da reconstrução do fenômeno, a partir de uma discussão epistemológica.

5. Conclusão

Robert Craig e Luiz C. Martino partem, basicamente, da mesma assunção: o campo da Comunicação, tal como se apresenta hoje, se fundamenta em uma diversidade que encontra pouco diálogo com a própria área, sendo permeado por uma série de discursos, teorias e metodologias que estão longe de possibilitar a sua disciplinarização.

Ao mesmo tempo, os autores enxergam uma possibilidade de organização do saber que se formou ao longo do século XX em torno do tema comunicação que torna possível a reflexão do campo para além da ideia de “encruzilhada”, por onde diversas áreas transitam, mas nenhuma permanece. A maneira como cada um entende essa possibilidade, entretanto, faz com que optem por escolher caminhos diferentes no que diz respeito à tentativa de uma abordagem epistemológica e fundamentadora do campo.

Craig acredita que o campo da Comunicação revela, se observado atentamente, sete tradições, citadas anteriormente, que unificam a pesquisa. Além disso, propõe a constituição

de um metamodelo que consiga dar conta dessa variedade de tradições, reconhecidas por ele como redutos interdisciplinares, bem como comporte a ideia das teorias da Comunicação como um metadiscurso sobre as práticas comunicacionais que estão aí, no mundo.

Craig realiza, contudo, pouca reflexão acerca do que seria o objeto de estudo da Comunicação, tomando-o, de modo bastante genérico, como as práticas comunicacionais do universo cotidiano. Ou seja, qualquer ato comunicativo pode ser passível de ser estudado pelo campo. Porém, Craig não estabelece o que é um ato comunicativo, o que acaba nos levando à percepção de que o autor não está definindo um objeto de pesquisa, mas o objeto empírico comunicação, tal e qual ele se encontra no mundo. Essa percepção faz com que a proposta de Craig se fragilize, pois a que metamodelo e a que metadiscurso ele estaria se referindo?

Outro ponto importante de se ressaltar, é que mesmo buscando uma compreensão da unidade do campo, Craig afirma a interdisciplinaridade como elemento indissociável do campo (ao elencar suas tradições), o que acaba soando como uma contradição. Ora, a perpetuação desse modelo inviabiliza a unidade mais visível e as tradições não dão conta de tornar a diversidade realmente mais ligada a problemas específicos do que seria uma disciplina **Comunicação**.

Já Martino parte exatamente do ponto que Craig desvia: a definição de um objeto de estudo exatamente comunicacional (a atualidade mediática) e uma diminuição da diversidade pela redução da aceitação de que a Comunicação se trata de um campo caracteristicamente interdisciplinar, sem pressupostos próprios, que nasçam da reflexão própria da comunicação.

Martino, portanto, apesar de não apresentar uma proposta de organização do conhecimento do campo, chega a uma discussão que deve se dar antes mesmo de agruparmos tradições ou propormos matrizes disciplinares: afinal, qual é o objetivo da Comunicação?

Ao esquecer esse percurso e tomar o atalho, Craig acaba tornando seu esforço um projeto sobre tudo e voltamos à estaca da diversidade que pouco ou quase nada de comum vai conseguir produzir, pois não compartilha nem mesmo um problema ou objeto.

Referências

CRAIG, Robert T. Communication in the Conversation of Disciplines. **Russian Journal of Communication**, v. 1, n. 1, winter 2008. Disponível em: <http://comm.colorado.edu/~craig/Craig-2008-DisciplinesRJC.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2013.

CRAIG, Robert T. Communication As a Field and Discipline. In: DONSBACH, Wolfgang (ed). **The International Encyclopedia of Communication**. Blackwell Publishing, 2008. Blackwell Reference Online. 24 January 2013. pp 675-688. Disponível em: http://www.communicationencyclopedia.com/public/book.html?id=g9781405131995_yr2012_9781405131995
Acesso em: 24 jan 2013.

CRAIG, Robert T. Communication Theory as a Field. In: **Communication Theory**, 9 (2), mai 1999, p. 119-161.

MARTINO, Luiz C. – “Interdisciplinaridade e Objeto de Estudo da Comunicação”. CD-ROM **Anais do XXI Congresso da INTERCOM**, Recife, 1998. Publicado em A. Fausto Neto, S. Porto, J.L. Aida Prado (orgs), **Campo da Comunicação: caracterização, problematização e perspectivas**. Editora Universitária/UFPB. João Pessoa, 2001.

MARTINO, Luiz C. – “As Epistemologias Contemporâneas e o Lugar da Comunicação”, in Maria Immacolata Vassalo Lopes (org.) **Epistemologia da Comunicação**. Loyola. São Paulo, 2003, p. 69-101.

MARTINO, Luiz C. História e Identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional, in: **E-compós**, edição 1, em dezembro de 2004, Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos>.

MARTINO, Luiz C. Teorias da Comunicação: O Estado da Arte no Universo de Língua Espanhola. In: **Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Congresso anual da INTERCOM, Universidade de Brasília (UnB). 4 a 9 de setembro de 2006.

MARTINO, Luiz C. – “Significação da Teoria em um Campo Diversificado”, conferência inaugural do IV Colóquio Bi-nacional Brasil-Estados Unidos de Estudos da Comunicação. **Anais do Intercom 2010 - XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, realizado em Universidade de Caxias do Sul, 2 a 6 de setembro.

MARTINO, Luiz C. (org.) – **Teorias da Comunicação: Poucas ou Muitas?** Ateliê. São Paulo, 2007.